

Viviane Graciele de Araujo Valerio
Marta Regina Paulo da Silva

DESEMPAREDANDO

a Infância

*As crianças
e o quintal
brincante da
creche*



DESEMPAREDANDO

a Infância

*As crianças
e o quintal
brincante da
creche*



Copyright © 2021 Viviane Graciele de Araujo Valerio e
Marta Regina Paulo da Silva • 1ª edição

Ficha catalográfica elaborada por
Liliane Castro – Bibliotecária CRB-8/6748

V164d Valerio, Viviane Graciele de Araujo
Desemparedando a Infância : as crianças e o quintal brincante da creche [recurso eletrônico] /
Viviane Graciele de Araujo Valerio, Marta Regina Paulo da Silva. – 1. ed.
São Paulo: Amélie Editorial, 2021.
18.400 kb.

ISBN 978-65-86652-25-3.

1. Educação infantil. 2. Ambiente Escolar. 3. Creches. 4. Brincadeiras.
I. Silva, Marta Regina Paulo da. II. Título.

CDD: 372.24
CDU: 373.24

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por
qualquer processo, sem a citação da fonte. A Editora não se responsabiliza por
eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

Diretora de Conteúdo e Planejamento: Aline Gongora
Diretora de Produção: Nathalia Ferrarezi
Assistente Editorial: Marcella Pavani

Projeto gráfico, diagramação e capa: Aline Gongora
Revisão: Nathalia Ferrarezi
Imagem de capa: Acervo da Autora

Impresso no Brasil
Printed in Brazil



DESEMPAREDANDO A INFÂNCIA: AS CRIANÇAS E O QUINTAL BRINCANTE DA CRECHE É O LIVRO N. 70 DA AMÉLIE.
QUANDO CHEGA A HORA, PRECISA SALTAR SEM HESITAR.
SEJA UM AUTOR INDEPENDENTE. PUBLIQUE COM A AMÉLIE!
ENVIE SEU ORIGINAL PARA ANÁLISE: PLANEJAMENTO@AMELIEEDITORIAL.COM



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus e à Natureza, por Eles serem sempre tão generosos e presentes em minha vida.

Aos meus filhos, Victor, Monique e Giulia, que são minhas inspirações e meu maior combustível de vida.

Agradeço também à minha orientadora, Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, por todas as contribuições e pela parceria neste trabalho.

À equipe da EMI Alfredo Rodrigues, às professoras e às gestoras, por terem participado da minha pesquisa de mestrado.

Meus agradecimentos à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, pela concessão da bolsa de estudos, o que tornou possível a realização do mestrado e, conseqüentemente, a elaboração deste material.

Por fim, a todas as crianças com quem tive e tenho o prazer de conviver, por deixarem suas marcas positivas por onde passam e por nos fazerem acreditar em um mundo melhor e mais solidário.

Viviane Graciele de Araujo Valerio

Gratidão às crianças e a todos e todas que com elas lutam por uma educação como prática da liberdade.

Marta Regina Paulo da Silva



PREFÁCIO

Este livro trata de uma proposta bastante provocadora, um convite ao desemparedamento da infância, abordando o desafio de incorporar a natureza como uma importante dimensão a ser contemplada nos currículos de Educação Infantil. Ele nos revela como os lugares externos e naturais são potentes, uma vez que oferecem estímulos e provocações, além de promoverem vivências ímpares, convidando-nos a refletir sobre os espaços ocupados pelas crianças, espaços reais e imaginários de brincar, permeados de fantasia, imaginação, criação, construção e desconstrução.

A obra foi elaborada com base nos dados coletados em pesquisa realizada em uma creche pública da Rede Municipal de São Caetano do Sul (SP). A discussão nos convida a rever nossas práticas educativas com as crianças, apresentando algumas possibilidades de desconstrução ao considerar que o movimento de desemparedar pressupõe novas concepções de criança e educação. Ao trazer as crianças ocupando o quintal brincante da Educação Infantil, destaca a importância da brincadeira como uma linguagem universal da criança e o modo como os espaços abertos em meio à natureza evidenciam-se ambientes de liberdade e alegria, em que as aprendizagens acontecem de forma prazerosa e significativa.

O prazer de brincar nos espaços externos e o contato com os elementos terra, água, vento e fogo nos fazem pensar na dimensão do corpo da criança de forma integrada e não dicotômica, que não separe o corpo da mente, a razão da fantasia, o cognitivo



do afetivo, o saber do sentir, a natureza da cultura, ou seja, permite-nos olhar o mundo “com os olhos de criança”.

O livro nos presenteia com as inventivas criações das crianças, mostrando suas capacidades de imaginar, fantasiar e reconstruir os significados dos elementos e as sensações no contato com a natureza. Afinal, quando eu brinco com a natureza, a natureza brinca comigo. A obra apresenta um belo acervo de fotografias, selecionadas cuidadosamente pelas pesquisadoras, anunciando as possibilidades de um encontro mágico para pensar a potencialidade das interações e do brincar na e com a natureza. Um encontro mágico porque o encontro com a natureza é desejado pelas crianças.

Envolvendo os elementos da natureza – água, terra, ar e fogo – indica-nos diversas possibilidades de brincadeiras, permitindo preciosos enredos e histórias inventadas com folhas, gravetos ou até mesmo apenas uma pedra, que pode representar um mundo inteiro nas mãos das crianças. Assim, a proposta desafia todas as creches e pré-escolas, mesmo aquelas que não possuem um espaço externo privilegiado, mas que podem iniciar o processo de sensibilização para as múltiplas possibilidades desse contato, afinal, a proposta de desemparedar é um processo que vai além das paredes de cimento das escolas.

Pensar em uma proposta educativa de desemparedamento para as crianças evoca uma pedagogia sensível da escuta, um olhar atento para aquilo que elas nos mostram com seus corpos, curiosidades e invenções, reconhecendo-as como potentes interlocutoras desse processo. Nesse sentido, implica também romper com o adultocentrismo e repensar o processo de construção de conhecimento na infância, com base em uma abordagem pautada na



investigação, na descoberta e na invenção junto às crianças, tendo como princípio tudo aquilo que a natureza pode nos oferecer.

Daniela Finco

Pós-doutora pela Università degli Studi di Milano-Bicocca, Itália, e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professora-associada da Unifesp-Guarulhos e líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Educação da Pequena Infância, Cultura e Sociedade da Unifesp.



SUMÁRIO

1

Um convite ao desemparedamento da infância, 13

2

As crianças e o quintal brincante da creche, 18

3

**Quando eu brinco com a natureza,
a natureza brinca comigo, 23**

4

**Uma criança, uma pedra...
Um mundo inteiro em suas mãos, 53**

Referências, 56

Sobre as autoras, 59



1

UM CONVITE AO DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA

Este *e-book* é fruto da pesquisa de mestrado intitulada *As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche*, de Viviane Graciele de Araujo Valerio, defendida em 2021, sob orientação da Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Com ele, desejamos compartilhar algumas ações e contextos brincantes nos espaços externos em meio à natureza, com o intuito de tornar visíveis as experiências em que as crianças interagem, exploram e constroem suas aprendizagens, produzindo sua cultura livres das paredes convencionais das salas de referência e tendo os espaços externos aliados à natureza para suas vivências e descobertas no cotidiano da creche.

Léa Tiriba (2018) cunhou o conceito de *emparedamento da infância* para expressar a condição de emparedamento a que as crianças estão subordinadas nas instituições educacionais, em espaços fechados por longos períodos, muitas vezes sem acesso a janelas, com pouco ou nenhum tempo para interagir e brincar na e com a natureza, além de serem submetidas a rotinas que não respeitam suas vontades e seus interesses. Isso porque, segundo a autora, a



nossa concepção de educação ainda está voltada para processos de transmissão e apropriação de conhecimento, sendo o(a) educador(a) o(a) único(a) que escolhe, organiza e planeja o que, quando e como a criança irá aprender; esta, por sua vez, deve manter o corpo parado e a mente atenta para aprender. Tal concepção revela a pouca importância atribuída ao movimento do corpo e às atividades nos espaços externos.

Contrapondo-se a essa concepção transmissiva, as crianças, no interior das instituições educacionais, vêm demonstrando a urgência de se romperem as paredes de cimento das salas de aula convencionais, escolhendo os espaços externos aliados à natureza como cenário para as suas vivências, brincadeiras, descobertas e aprendizagens, dizendo sim ao *desemparedamento da infância*.

Diante dessa compreensão de desemparedamento da infância, faz-se necessário escutar as crianças e reconhecer o seu potencial dentro da creche “[...] dizendo sim às vontades do corpo” (TIRIBA, 2018, p. 44).

O contato com a natureza permite às crianças correr, brincar e explorar os espaços, assemelhando-se a pássaros que alçam voo em busca do desconhecido, deslocando-se e compartilhando o mesmo ar com plantas, árvores, flores e pequenos animais que ali habitam; encantando-se com a simplicidade do mundo natural, querendo caçar, desvendar e colecionar tudo que encontram em seu caminho, provavelmente por serem “caçadoras”, como descreve Walter Benjamin (2013) em sua *criança desordeira*:

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma co-



leção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, e já é caçadora. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfiteçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas e espinhos que são maçãs medievais, papéis de estanho, que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre anfitrião inconstante, aguerrido. (BENJAMIN, 2013, p. 36)

Nesse tempo e espaço único entre as crianças e os demais seres vivos e não vivos da natureza, as crianças, “caçadoras” que são, exploram o mundo de braços abertos para o novo, para as descobertas, para as experiências, para as transformações de si e da vida, porque contam com algo bem peculiar da infância: a fantasia e a imaginação, que lhes permitem conhecer e desbravar outros mundos, viajar por outras dimensões, dançando nas constelações e mergulhando e velejando em muitos mares, por meio de seus mundos imaginários. Por isso, poetizam a vida.

Segundo Tiriba e Profice (2014), a natureza precisa ser garantia diária para todas as crianças da creche, e não restrita a um cur-



to período na rotina, haja vista a potência de agir desse encontro e por ser desejado pelas crianças. Para as autoras:

Se a interação com os ambientes naturais é a condição para o desenvolvimento pleno das crianças, ela é um direito humano, e não algo que os(as) educadores(as) e a escola devem oferecer como lazer ou como prêmio. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 69)

Esperamos com este trabalho, ao partilhar com os(as) docentes e os(as) gestores(as) práticas e contextos brincantes para além das paredes de cimento das salas de referência, contribuir para a efetivação do tão urgente e necessário desemparedamento da infância, porque o cantar dos pássaros, a dança das nuvens, o aroma das flores e o frescor da brisa são excelentes motivos para brincar e aprender do lado de fora, em profunda comunhão com a natureza.



2

AS CRIANÇAS E O QUINTAL BRINCANTE DA CRECHE

A palavra *brincar*, em latim, deriva do verbo *vincire*, que remete a *encantar*, por isso constatamos tanta dedicação, concentração e encantamento quando meninos e meninas se entregam por iniciativa própria a essa atividade, pois:

Quando brinca, a criança está falando. No seu tempo, que é só dela, a criança escreve com seu corpo uma melodia. Com seu gesto, sua mão, seu olhar e seu sorriso imprimindo a pegada do seu coração. Como nós, adultos, quando dançamos, pois a palavra consegue dizer com o coração, sem pensar, só dizer. (FRIEDMANN, 2013, p. 58)

O brincar é linguagem universal e atividade principal da criança. Legitima a infância, pois, por meio dessa ação, meninos e meninas experimentam, descobrem e se comunicam com o mundo. “Brincar expressa o gesto de iniciação do ser humano” (PEREIRA, 2019, p. 33).

As brincadeiras são excelentes momentos para socialização com base nas interações que as crianças estabelecem com as pessoas de todas as idades, com os objetos, as materialidades e o mundo ao seu redor. Esses momentos são propícios para as tomadas



de decisão e as negociações; também são momentos para apropriações e produções culturais infantis, pois, em territórios brincantes, elas não só reproduzem situações do mundo adulto, mas, sobretudo, atribuem novas significações ao mundo, construindo e manifestando suas próprias culturas, em que ressignificam, por meio das situações imaginárias, objetos, espaços e tempos, dando um significado diferente daquilo que são.

Segundo Silva (2020), embora as culturas infantis não estejam vinculadas apenas às brincadeiras, o brincar é espaço privilegiado para sua produção. De acordo com a autora:

[...] as culturas infantis emergem na medida em que as crianças interagem com seus pares, atribuindo sentido ao mundo em que vivem. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico, produzido e partilhado entre as crianças ao participarem no coletivo de uma experiência social. Nesses tempos e espaços criam estratégias para lidar com a complexidade dos valores, crenças, saberes, hábitos, comportamentos, artefatos que lhes são impostos, partilhando formas próprias de compreensão e de ação sobre o mundo. Com isso, vão construindo um sentimento de pertencer a um grupo: o das crianças, cujo brincar as remete a novas formas de ser e estar no mundo, em um exercício constante de questionamento e criação de novos sentidos. (SILVA, 2020, p. 280)

Nesse sentido, Corsaro (2011) esclarece que, na interação das crianças com seus pares, nos grupos de brinquedos e brincadeiras, elas produzem a primeira de uma série de culturas de pares e afirmam sua competência social.

Considerando esses grupos, Piorski (2016) assevera que a natureza e seus elementos são os melhores brinquedos para as crian-



ças, em virtude das nuances das cores, formas não simétricas, texturas variadas, tamanhos, cheiros, sons e temperaturas, pois permitem que ela explore, experimente, investigue, invente, crie, recrie e ressignifique incessantemente folhas, gravetos, sementes, flores, pedras, terra, areia e água, atribuindo significados diferentes a esses objetos.

Em defesa a esse contato com a natureza, Richard Louv (2016), em seu livro *A última criança na natureza*, revela que a interação da criança com a natureza traz muitos benefícios para ambos, porque a criança precisa da natureza para brincar e aprender com seus diferentes ciclos e movimentos, e a natureza precisa da criança, para que a criança, convivendo com ela, aprenda a respeitar, amar, cuidar e preservar.

Tiriba (2018) pontua que as crianças são seres da natureza e da cultura e, ao conviver com a natureza, estabelecem uma relação de pertencimento com esse espaço, visto conviverem com diferentes formas de vida, como, por exemplo, formigas, minhocas, borboletas, pássaros, plantas, flores e árvores. Nessa convivência, elas aprendem a amar e respeitar, pois “ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive” (TIRIBA, 2005, p. 213). Segundo a autora:

Se as funções das professoras se restringem fundamentalmente às salas, fica excluído de seu universo de atuação o conjunto de percepções e aprendizagens que as crianças realizam nos espaços externos. Ficam secundarizadas as aprendizagens relacionadas ao contato com a natureza, que vão além do cognitivo, que abrangem sensações, sentimentos, valores, enfim, outras dimensões do humano. (TIRIBA, 2018, p. 106)



Nessa perspectiva de aproximação das crianças à natureza, Pereira (2019) elucida que experiências como banho de chuva, ouvir histórias nas sombras das árvores, brincar na areia, na terra e barro, encantar-se com flores, borboletas e passarinhos são formas de descobrir como a vida na natureza se desenvolve e se modifica constantemente, e essas experiências são muito importantes, uma vez que colocam a criança diante da beleza e do mistério da vida. Isso porque:

O encantamento do canto dos pássaros, das cores, das flores, a variação das estações com seus ciclos, a multidão das formas que nos preenchem como parte de uma geometria fantástica através da qual simetrias e assimetrias desfilam sob nossos olhos, tudo isso e muito mais poderíamos aqui registrar a partir da experiência sensível de cada um de nós diante do que chamamos de natureza. (PEREIRA, 2019, p. 44)

Assim, conviver, interagir, explorar, experimentar e investigar na natureza e com ela traz um universo de possibilidades brincantes e de aprendizagens para as crianças, como as que ocorreram na creche, locus do trabalho que aqui apresentamos, que possui uma natureza muito exuberante ao seu redor, com muitas árvores de diferentes espécies e tamanhos (frutíferas e não frutíferas) que servem de abrigo para pequenos animais, como formigas, joaninhas, passarinhos, borboletas, tatu de jardim; flores e plantas com cores, texturas e aromas variados; e espaços externos propícios para essas interações, brincadeiras e aventuras fecundas ao necessário desemparedamento da infância.



3

QUANDO EU BRINCO COM A NATUREZA, A NATUREZA BRINCA COMIGO

Com um olhar atento e uma escuta sensível às crianças, observamos que elas nos comunicam, por meio de suas diferentes linguagens, seu encantamento pelo mundo natural para suas vivências, interações e experiências brincantes dentro da creche, possivelmente porque os espaços abertos em meio à natureza surgiram ambientes de liberdade e alegria, em que as aprendizagens acontecem de forma prazerosa e significativa.

Sendo assim, atividades como tomar banho de chuva, pular em poças de água, brincar e se lambuzar com lama, terra e areia, ouvir histórias debaixo das árvores, fazer almoço, lanche e descanso na natureza ao som dos pássaros e na companhia de amigos(as) que também habitam o planeta Terra (formigas, minhocas, borboleta, joaninhas, lagartas etc.) devem ser cotidianas na vida das crianças.

Para isso, é preciso estabelecer uma parceria com as famílias, ressaltando a importância das experiências brincantes na e com a natureza para a vida das crianças, uma vez que os espaços externos da creche oferecem ambientes naturais cheios de possibilidades para as interações e aprendizagens delas. Desse modo,



[...] precisamos afirmar a importância de as crianças desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, entendendo que as crianças são seres da natureza, é necessário repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades. (TIRIBA, 2010, p. 6)

Nessa perspectiva, interagir e brincar com a natureza e seus elementos é um convite à aventura e à experimentação de diferentes texturas, formas, tamanhos, cores, temperaturas, sons, combinações, pesos e cheiros, como fez Pérola (Figura 3.1).

Pérola encheu a panela com água na torneira e depois mergulhou suas mãos para experimentar a água. Colocou, então, a pinha dentro e tirou em seguida. Repetiu esse movimento três vezes, depois experimentou as folhas e flores dentro da água e as tirou. Na sequência, aos poucos, ela foi acrescentando os ingredientes secos para fazer um “brigadeiro”; precisou de bastante terra e areia recolhidas no chão do parque para conseguir chegar à textura mais firme do seu “brigadeiro”; ela tentou enrolá-lo, amassando com as duas mãos, mas depois de várias tentativas desistiu, dizendo ser “brigadeiro de colher”. Após estar com o brigadeiro pronto e no ponto, ela pegou a panela cheia com sua mistura e foi servir seus amigos, perguntando quem queria comer brigadeiro.

Essa experiência de Pérola nos remete à importância das coisas desimportantes do poeta Manoel de Barros (2008), aquelas que passam despercebidas por adultos, mas que são sensíveis e encantadoras às crianças, como terra, areia, pedra, água, folhas,



flores, sementes, gravetos, formigas, minhocas, lagartas, borboletas, gafanhotos, passarinhos etc.

[...] Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(BARROS, 2008, p. 45)



Figura 3.1. Brigadeiro de colher.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio.

As poças de lama encontradas no caminho percorrido pelas crianças, no chão da creche, são sempre bem-vindas e um convite à exploração, à investigação, ao pulo, à alegria, à diversão, enfim, a fazer festa. Após as chuvas fortes e rápidas de verão, as crianças sempre pedem para brincarem na natureza e aproveitarem a lama, porém nunca querem colocar as galochas, pois desejam explorar as texturas e as sensações da lama sem sapatos e com todos os sentidos. Em um desses dias de chuva, Cristal dançou, balançou e pulou na poça várias vezes até espirrar toda a lama em seus pés, pernas, braços e roupa; pulou feliz e sorrindo em toda sua plenitude de infância, e, depois de muito pular, dirigiu-se até a professora e disse que estava com a roupa toda molhada, pois tinha ido até a praia brincar e voltado rapidinho, e que foi muito legal brincar e pular nas ondas (Figura 3.2).



Figura 3.2. Pulando ondas na praia.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Percebe-se que a natureza na creche oferece um laboratório de vivências, interações e descobertas, pelas possibilidades de experiências brincantes, explorações e investigações, permitindo à criança ser protagonista na construção de suas aprendizagens. Assim, interagir e brincar na natureza é uma experiência única e singular para cada um(a), pois não dá para falar e explicar a natureza, é preciso senti-la com os pés, mãos, olhos, ouvido, nariz; não dá para falar do vento, é preciso sentir a brisa acariciando o rosto; não dá para falar do calor, é preciso sentir o sol aquecendo a pele; não dá para falar do cantar dos pássaros, é preciso ouvir para se encantar; não dá para explicar o cheiro da flor, da folha, das sementes, dos frutos, das árvores.

Nesse sentido, Manoel de Barros nos ajuda a reiterar que as crianças nos mostram, de maneira convincente, que se encantam



com as interações e as explorações brincantes na e com a natureza: “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem balanças e nem barômetro. Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (BARROS, 2008, p. 59).



Figura 3.3. Sentindo a natureza com todos os sentidos.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

A natureza oferece uma aprendizagem de corpo inteiro e por meio dos sentidos, além de criar repertório de convivência e socialização entre as crianças (Figura 3.3). Contudo, apesar de toda essa riqueza proporcionada pelas interações com o ambiente natural, observa-se o distanciamento das crianças com seus elementos, o qual é justificado em função de perigo ou sujeira. Para isso, é necessária a conscientização dos familiares e de toda a equipe



pedagógica por meio do diálogo, problematizando que a natureza e seus elementos são também materiais educativos e espaço repleto de possibilidades de aprendizagem.

Nos momentos de parque e nos horários livres na natureza, para escolherem com o que interagir, brincar e como brincar, as crianças usam suas diferentes linguagens para se expressar. Elas adoram recolher tesouros pelo caminho, como Rubi, que recolheu muitas sementes de pinhas e nos contou que os tesouros são as pinhas bem pequeninhas, que não são ásperas como as grandes, são até que “bem macias e crocantes”; ela contou e separou as pequenas das grandes, separou as quebradas e aproveitou para apertá-las, quebrando algumas, e, depois, com as que sobraram, ela assustou suas amigas dizendo que eram minhocas (Figura 3.4). As amigas Ágata e Jade gostaram da brincadeira e também recolheram muitas sementes do chão de terra para assustar os(as) amigos(as). Verifica-se assim que:

[...] as brincadeiras nos espaços externos podem constituir-se como fonte de sentimento de solidariedade e companheirismo. Um pátio que é de todos, e onde cada um pode escolher com quem e com o que deseja brincar, não favorece posturas individualistas e competitivas, ao contrário constitui-se como espaço de convivência. (TIRIBA, 2010, p. 8)



Figura 3.4. Tocando com as mãos e o coração.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Nessa liberdade de escolher com o que brincar e explorar, Esmeralda passeou pelo parque da creche procurando elementos e encantos da natureza. Recolheu pelo caminho algumas sementes variadas em saquinhos plásticos e, depois de compartilhar com os(as) amigos(as) e as professoras seus tesouros da natureza, ela passeou mais uma vez e selecionou algumas folhas grandes, que serviram de suporte para suas comidinhas de faz de conta. Ela separou as sementes nas folhas que recolheu e nos informou que no seu cardápio do dia tinha: arroz, feijão, macarrão, carne e salada, que estava tudo muito gostoso e que quem quisesse já poderia “vir comer” (Figura 3.5).

Os espaços externos, em meio à natureza, constituem-se de ambientes ricos em interações. Nesse sentido, como propõe Barbieri (2012, p. 116):



Temos que escolher e preparar oportunidades maravilhosas para as crianças porque elas merecem vivê-las e levarão tais experiências consigo. A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia, as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias; rios, montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela.

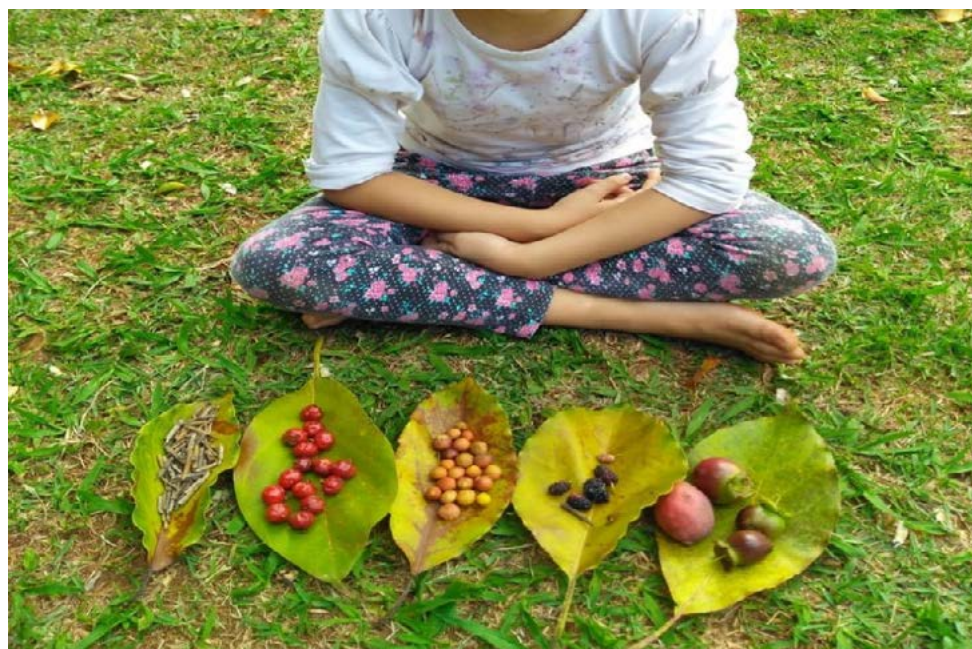


Figura 3.5. As coisas “desimportantes”.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



Nesse escolher com o que e como brincar entre as várias opções que a natureza oferece, meninos e meninas procuram e recolhem pelo chão do parque comidinhas de mentirinha para suas brincadeiras. Entre os pratos que compõem o cardápio, sempre há folhas diversas, flores, sementes, gravetos, pedras, areia, terra e muita água; porém, quando Safira estava picando as pétalas de flores para fazer a salada, teve a ideia de colocar em sua unha um pedaço da pétala. As amigas sorriram aprovando a sua ideia e começaram a ajudá-la até preencher todas as unhas (Figura 3.6). Depois, cada menina percorreu o parque em busca de flores diversas para fazerem suas próprias unhas postiças.

Observa-se que as crianças brincando com e na natureza assumem seu poder de criação e transformação no mundo, atribuindo significados particulares a cada elemento encontrado. Elas poetizam e se poetizam com os elementos da natureza, com o corpo, o movimento, as expressões, as emoções e os sentimentos ao brincar e criar. Sim, a poética da infância. Carlos Drummond de Andrade (1976, p. 593) escreve que as crianças são poetas, porém “[...] a escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo”.

Concordamos com Drummond, ao presenciar cotidianamente a poética das crianças, sobre a capacidade que elas têm de construir novos conhecimentos, novos mundos e novas poesias. Dessa forma, as instituições de educação infantil necessitam possibilitar a elas “[...] condições de expressar sua maneira de ver e curtir a relação poética entre o ser e as coisas” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1976, p. 594), cultivando a poesia das crianças.

A poética das crianças precisa ser escutada. Essa escuta, sensível e atenta, é para além do que elas dizem verbalmente, mas do



que dizem com todo o seu corpo. Isso implica nos deixarmos ser afetados(as) por elas, o que exige de nós silenciarmo-nos. É um silenciar-se, como defende Silva (2017, p. 92):

Silenciar-se para escutar os meninos e as meninas, não significa, portanto, aos(às) professores(as) negar sua própria voz, mas abrir um canal de comunicação em que possamos aprender uns(umas) com os(as) outros(as). Permitir-se brincar e aprender com as crianças constitui-se em um momento mágico, em que, despojados(as) dos condicionamentos tantas vezes impostos pelo mundo adulto, das excessivas atribuições e do controle constante do relógio, de *chronos*, mergulhamos em um mundo incerto, inesperado, imprevisível, mas repleto de possibilidades que a razão infantil exerce sobre nós quando de fato nos propomos a brincar e a dialogar com elas, o que, por sua vez, nos permite conhecer a poética de seus sonhos, de seus movimentos, de seus olhares, de suas falas.

Reconhecer, respeitar e considerar essa poética da infância no cotidiano das instituições educacionais é um enorme desafio diante de uma sociedade que quase sempre quer enquadrá-las, emparedá-las.



Figura 3.6. Poética com os elementos da natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Passar pela “floresta” e se encantar com seus elementos é uma das atividades preferidas das crianças. Quando disponibilizamos lupas, binóculos e lanternas para as explorações e investigações, nada passa despercebido pelos olhos curiosos delas. Cristal elegeu a lupa como sua ferramenta para novas descobertas. Ela caminhou lentamente e sem pressa, observando tudo ao seu redor, parando vez ou outra e agachando para examinar melhor o que lhe chamava a atenção; examinou as folhas dos dois lados, flores, pedras, gravetos, algumas sementes, mas o que mais a encantou foram as formigas, que passeavam sem parar no meio da terra; ela ficou ali um bom tempo observando o ir e vir das formigas e, às vezes, colocava o dedo para vê-las desviar o caminho (Figura 3.7). Outros elementos que encontrou no caminho, como eram natureza morta, ela examinou e descartou, entretanto, sentiu a interação e a conexão com esses seres pequeninos – as formigas – que fazem parte dessa grande teia que é a vida, portanto ela pôde perceber que na creche convivemos com diferentes formas vida.



Figura 3.7. Desvendando a natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Brincar com a natureza é estar diante de um cenário de vivências, experiências e descobertas que se modificam constantemente, permitindo à criança desenvolver sua capacidade criativa. Ametista mostra-se curiosa e atenta ao passear pelo parque agachando para colher os elementos que mais lhe encantam. Após recolher alguns elementos, ela brinca de construir coisas com eles. Primeiro constrói uma escada, colocando uma fila de gravetos um paralelo ao outro, passando os dedos e fingindo que está subindo degraus; desmancha e faz uma mandala com as folhas, deixa as folhas da mandala e acrescenta os gravetos no tronco e na raiz da árvore (Figura 3.8). Percebe-se que a criança está no experimentar brincante, sendo protagonista da construção de suas aprendizagens. Na natureza, ela fica ali, diante de elementos não estruturados – gravetos, folhas, sementes, pedras, entre outros – olhando, pensando, sentindo, cheirando, ouvindo, tentando ler



e decifrá-los. Para Melo (2011, p. 74):

[...] a brincadeira está fortemente ligada à natureza. Essa relação com a natureza se amplia cada vez mais pelo fato de o espaço físico favorecer o contato com diferentes materiais encontrados no jardim, tais como plantas, areia, pedras, água, gravetos, flores e terra.



Figura 3.8. “Quando eu brinco com a natureza, ela brinca comigo”.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



Figura 3.9. Brincando e se encantando com a natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo

Em meio à natureza, as crianças têm diferentes elementos naturais dispostos para interações, investigações e experiências brincantes. As amigas Turmalina, Safira e Diamante decidiram brincar com cascas de coco e colher de pau. Turmalina colocou água e um pouco de terra dentro da casca de coco, misturou bem e acrescentou mais terra, mexendo novamente. Observando que ficou difícil e pesado para mexer por conta da terra, pegou a lama líquida que estava no chão, pois a água havia acabado, e foi acrescentando até amolecer sua mistura e ficar na consistência que ela queria (Figura 3.9). Assim, demonstrando envolvimento e prazer em suas ações, ela pôde vivenciar e compreender, por meio da brincadeira com a natureza, propriedades dos materiais como textura, densidade e volume. Percebe-se que as interações e o brincar nos espaços externos em meio à natureza permitem à criança possibilidades de aprender também com a própria natu-



reza sobre as diferentes temperaturas do dia, a direção do vento, a posição do Sol e as diferentes cores do céu durante o dia e a noite, o que não seria possível se ela estivesse entre teto e paredes.

Tiriba (2018, p. 36) pontua que, “[...] o bom encontro existe quando entramos em contato, quando vivemos um encontro com algo ou alguém que aumenta a nossa potência, nos fortalece”; assim, quando as crianças entram em contato com algo ou alguém que aumenta sua potência de agir, isso as fortalece e as torna melhores e mais felizes. Como o encontro com a natureza é desejado pelas crianças e as encanta, é necessário escutar e acolher as vontades, os desejos e os interesses delas, bem como preparar contextos brincantes e de aprendizagem nos ambientes naturais para o protagonismo infantil e suas manifestações e criações culturais (Figura 3.10).



Figura 3.10. Maravilhas da natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



Segundo Pereira (2019) o convívio diário e as experiências sensíveis com a natureza são importantes na vida das crianças,

[...] para um desenvolvimento de um ser humano capaz de interagir dentro de si a comunhão verdadeira com esse habitat, do qual recebe a Terra, a Água, o Fogo e o Ar como elementos primários para sua sobrevivência. (PEREIRA, 2019, p. 44)

São inúmeras as possibilidades de relações, combinações, criações, investigações e invenções nas interações com a natureza. Diamante prepara um bolo para o aniversário de sua amiga Opala. Ela coloca água, areia, sementes e folhas e mistura bem com o graveto; percebendo que a mistura está muito líquida, acrescenta um pouco de terra e depois mais um pouco; verifica, então, que a mistura ficou grossa e que a areia e a terra se assentaram no fundo da panela. Não conseguindo mais misturar com o graveto, decide mexer e misturar com as mãos; primeiro coloca só uma e, observando que nenhum adulto chamou sua atenção, coloca a outra e mistura repetidas vezes, mergulhando as mãos na mistura da panela. Opala, que a observa com atenção, passa a imitá-la; elas conversam, discutindo qual mistura está mais parecida com uma sopa e qual está mais parecida com um bolo, por causa da textura e da densidade de ambas (Figura 3.11). As meninas finalizam decorando e acrescentando folhas, flores e sementes em seus cardápios.

Ao observarmos o envolvimento, a entrega e o encantamento de Diamante e Opala, constatamos o quanto a própria natureza convida as crianças à ação, pois a areia e a terra permitem serem moldadas, flores, folhas, sementes, pedras e gravetos transformam-se em “comidinhas” e a poça de lama ou de água convidam a um pulo, à alegria, a uma festa.



Figura 3.11. Comidinha com os encantos da natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Estar livre na natureza com seus elementos e suas sutilezas de cores, formas, texturas, temperaturas, aromas e sons permite à criança aguçar seus sentidos e examinar também com seus sentidos. Afinal, as crianças sentem as texturas e os cheiros, escutam o barulho e observam as nuances de cores em uma mesma flor, pétala, folha. Elas coletam os encantos da natureza, exploram, investigam, brincam, inventam, constroem e muitas vezes nos pedem para guardar alguns elementos e construções em suas mochilas, pois gostam de levar os encantos da natureza para casa e, assim, nesse convívio diário, desenvolvem laços afetivos com esse ambiente e seus elementos. É esse sentimento de carinho com a natureza que permite ao poeta Manoel de Barros (2008, p. 45) anunciar “meu quintal é maior que o mundo”.



Figura 3.12. Território brincante.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Uma noite de chuva forte sempre sugere surpresas da natureza no chão de terra do parque. Quando chove, as crianças já chegam à creche dizendo que querem ir ao parque para brincar com lama e água. Em um desses dias, no percurso pelo parque, elas encontraram muitas surpresas: poças de água e lama e muitos abacates caídos, alguns rachados, outros fechados, outros abertos, e elas foram os recolhendo para brincar (Figura 3.13). Pérola escolheu um graveto para ser uma colher; mexeu várias vezes e nos disse que fez comidinha para o bebê com o abacate. Jade usou o abacate para pintar o tronco de uma árvore, observando que nele existem diferentes colorações: o miolo é verde-claro e próximo à casca é verde-escuro. Esmeralda quis experimentar a textura do abacate com as mãos e o apertou diversas vezes, sorrindo, com a sensação gostosa do abacate que espalhava e escorria por entre seus dedos.



Acompanhando essas investigações das crianças, concordamos com Buitoni (2006) que:

[...] a Educação Infantil precisa estar diretamente conectada com os elementos da natureza: a água, a terra, o fogo, as plantas, os animais. A criança não processa informações abstratas, separadas da concretude do momento. . (BUITONI, 2006, p. 263)



Figura 3.13. A alegria da descoberta.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Nessas experiências brincantes na e com a natureza, as crianças revelaram seu gosto pelas formas circulares e criaram muitas coisas com os elementos da natureza com essa forma. Certa vez, Lírio passeava pelo parque e recolheu muitas flores que estavam caídas no chão, agachou e começou sua construção com forma circular e similar a uma mandala de flores (Figura 3.14). Organizou algumas flores, levantou, tomando distância para examinar melhor, e, ao perceber que estava com poucas flores, foi mais uma vez passear pelo espaço, com o intuito de encontrar mais flores



caídas. Encontrando-as, retornou com as flores crescendo em sua construção; fez esse movimento várias vezes, até que, satisfeita, sorriu e finalizou com orgulho sua produção.



Figura 3.14. Um quintal brincante.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

Lírio, assim como outras crianças, mostra-nos que, no espaço externo, em meio à natureza, não se espera uma ação padronizada dos meninos e meninas, em que todos(as) devem fazer a mesma coisa, da mesma forma e ao mesmo tempo, visto que a natureza permite uma variedade de ações, pois instiga as crianças a circularem livremente e a se encantarem, recolhendo e escolhendo o que e como fazer em profunda conexão com esse espaço. Nesse sentido:

[...] não se trata de aprender o que é uma árvore decompondo-a em suas partes. Mas de senti-la e compreendê-la em interação com a vegetação que está ao redor, com os animais que dela se alimentam, considerá-la em sua capacidade de seus frutos e a sombra em que brincamos. (TIRIBA, 2010, p. 10)



Figura 3.15. Brincando e se encantando.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

O encontro com a natureza é um encontro com o inusitado, tudo é um convite a muitas surpresas e encantamentos; como o encontro com uma panela cheia de água e elementos caídos, que leva as crianças a diversas experiências brincantes com as mãos, os pés, as pernas, os olhos, os ouvidos, a boca. A água encanta e parece mágica, pois, ao mexer, ela balança, dança, pula e espirra, e, quando tentam pegá-la, ela escorre, foge e some (Figura 3.15). Para Cruz (2005, p. 68), a natureza é o hábitat das crianças e, sendo assim, a conexão entre elas é fundamental “[...] no sentido de cada criança estar inserida, sentir-se parte da natureza, perceber seus climas, ritmos, estações, elementos, sua diversidade de manifestações, cores, cheiros e sabores”.

Quando as crianças convivem diariamente com a natureza na creche (Figura 3.16), elas se tornam íntimas, reconhecendo-a



como seu ambiente de pertencimento e demonstrando cada vez mais respeito, cuidado e carinho para com ela, como se verifica nos relatos das crianças durante um dia de vivências na natureza: *“de manhã o céu é mais claro e brilhante, agora à tarde já é mais escuro e frio”*; *“deitar na grama e ver as nuvens passar às vezes rápido e às vezes devagar dá sono e vontade de dormir”*; *“deitar no chão embaixo das árvores dá para ver o vento forte e devagar que derruba as folhas”*; *“a plantinha, as flores e as árvores respiram o mesmo ar que nós”*; *“eu acho que a árvore tem coração, porque, quando eu abraço ela, escuto um barulho”*; *“não pode matar o bichinho da natureza, pois tudo que existe faz parte do nosso planeta”*; *“não pode desperdiçar a água da torneira, coitada dela, ela também é um ser natural”*.

O que fica de mais significativo é que, quanto mais conhecemos os diferentes seres vivos e os demais elementos naturais, mais se conhece a si mesmo, porque o encontro com a natureza é um encontro com a nossa essência.

Segundo Cruz (2005, p. 75):

A relação com o outro, passa pela relação com o seu entorno, o contato com o espaço físico, o meio ambiente e a Natureza, no sentido de respeito, valorização e cuidado, desenvolvendo a percepção de se sentir, fazer parte de um todo maior. A ecologia é em si mesma a percepção da Natureza exterior, incluindo a percepção da Natureza interna do homem, construindo a noção de “pertencimento” à humanidade, à própria cultura e ao seu local de habitação.



Figura 3.16. A natureza inspira e acolhe.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio

É necessário liberdade para olhar o céu e, percebendo que vai chover, levar as crianças para o pátio antes da chuva ou, então, prepará-las para o banho de chuva. Como conhecer o vento se não for possível sair para o pátio no momento em que venta, simplesmente porque não é o seu horário de pátio? (BARROS, 2018, p. 61)

Nos contextos de aprendizagem na natureza, as crianças se encantam com seus elementos e estão sempre atentas aos detalhes que passam despercebidos por nós, adultos; elas veem aquilo que o adulto não vê. É nesse caminho que Barros (2008) elucida que as crianças se permitem ver com “olhos de descobrir”.

O interagir e o brincar na e com a natureza é descobrir o encontro com o inesperado, com outros seres, com formas, cores,



texturas e tamanhos diferentes, porque as crianças estão sensíveis e em alerta ao novo, ao desconhecido, sempre escutando suas vontades internas e se encantando com o mundo natural. E, nesse encontro, meninos e meninas estão sempre em “um estado de atenção flutuante, vale dizer, relaxado, da consciência” (OSTETTO, 2010, p. 51).

Experiências com o fogo também acontecem na creche (Figura 3.17), uma vez que esse é um elemento que encanta as crianças, talvez por causa das nuances de cores ou pela dança das chamas, ora lenta, ora rápida; ou talvez pelos estalos da brasa queimando ou pelo calor do fogo próximo ao corpo. Não sabemos ao certo o que mais encanta as crianças diante da fogueira, mas sabemos que elas ficam muito tempo atentas contemplando essa beleza e invenção da humanidade.



Figura 3.17. Dança das chamas.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



A utilização dos elementos da natureza como materiais educativos e recicláveis é frequente, contribuindo para a preservação do meio ambiente e evitando o consumismo. Assim, são realizadas pinturas com tintas de terra, frutas (abacate e amoras), urucum, açafrão e outras sementes e vegetais; confecção de pincel com folhas, flores e gravetos; pinturas nas variadas folhas, pinhas, gravetos, sementes, pedras, pétalas das flores e cascas de árvore (Figuras 3.18 a 3.20).



Figura 3.18. (Re)criando com a natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



Figura 3.19 Arte e natureza.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



Figura 3.20. Natureza e arte.

Acervo de Viviane Graciele de Araujo Valerio



As interações e as brincadeiras na e com a natureza permitem outra manifestação de liberdade criadora: a arte com seus elementos não estruturados, com suas nuances de cores, tamanhos e texturas variadas, favorecendo a pesquisa da sensibilidade com muitas possibilidades brincantes. Assim, a arte traz uma visão estética que possibilita afirmar a pluralidade e a beleza (OSTETO, 2010).

Nessa linha de pensamento, em fazer arte com elementos da natureza, Holm (2015) propõe o fazer artístico e criações livres com os elementos não estruturados, naturais, descartados, não convencionais e sustentáveis, como terra, areia, água, sementes, folhas, flores, gravetos, pedras, entre outros.

Quando utilizamos os elementos da natureza mencionados como ferramenta pedagógica para pinturas, modelagens, construções, colagens e criações livres, estamos dizendo “não” ao consumismo e ao desperdício por meio de práticas educativas (TIRIBA, 2018).

As experiências brincantes das crianças, aqui relatadas, revelam que elas desejam estar nos ambientes externos em meio à natureza, experimentando a sensação de liberdade ao correr, pular, saltar, rastejar-se e lambuzar-se com aquilo que brincam e aprendem nesse espaço. Assim, elas merecem viver esse encontro recheado de prazer e potência criadora. Isso porque:

[...] se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar. Experiências estas que permitem à criança se misturar ao mundo construindo aprendizagens significativas e subjetividades. (BARROS, 2018, p. 22)



Nessa perspectiva, ousamos dizer que as creches e pré-escolas devem ser muito mais do que salas entre paredes que ensinam letras e números de forma mecânica e estéril; devem ser viveiros de experiências brincantes que desafiam sempre a potência criadora de agir das crianças, além de lugar de bons encontros. Sendo assim, para desemparedar, é preciso reconhecer que as crianças:

[...] têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com e na natureza, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas. (BARROS, 2018, p. 35)

Por sua vez, para mudar:

[...] a escola precisa fundamentalmente religar seres humanos e natureza, sair, desemparedar, proporcionar vivências nos ambientes naturais, aprender com seres e processos. É preciso tornar mais verde todos os ambientes, quebrar esta identificação do lugar de aprender com a sala de aula. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 73)

Desemparedar, portanto, não é ensinar conteúdo de forma padronizada, como, por exemplo, ensinar como e com quais cores se desenha uma árvore, mas organizar contextos para explorações e investigações, a fim de que as crianças criem a árvore como a percebem e a sentem, porque, como seres potentes, curiosos, ativos e investigativos, elas são protagonistas das suas experiências brincantes de aprendizagem. Portanto, mais do que ensinar como desenhar uma árvore, é preciso “viver” árvore.

Observa-se que o desemparedamento da infância, além de



necessário, é urgente, haja vista a potência de agir e a poética das crianças nas interações e no brincar com e na natureza.



4

UMA CRIANÇA, UMA PEDRA... UM MUNDO INTEIRO EM SUAS MÃOS

Ao longo da prática pedagógica com crianças pequenas, constatamos como os espaços externos aliados à natureza são, por excelência, lugares de liberdade, espontaneidade, encantamento, poesia e alegria, onde as interações e o brincar acontecem de maneira significativa e prazerosa, permitindo que meninos e meninas interajam coletiva e criativamente, estimulando a curiosidade, a inventividade e ações livres e cheias de potência de agir e aprendizagens.

Creches e pré-escolas devem ser lugares que convidam, a todo instante, a estarmos juntos e juntas, brincando, sentindo, observando, explorando, aprendendo e se encantando. Precisam garantir espaços para o encantamento e experiências brincantes com diferentes formas de vida, construindo “[...] um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo Sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual” (TIRIBA, 2010, p. 6).

Nas interações e no brincar na e com a natureza, as crianças se encantam com os elementos e diferentes seres vivos e não vivos. As “coisas desimportantes” – pedras, gravetos, folhas, terra, areia, água, sementes, lama – são para elas grandes tesouros que compõem suas “coleções”, suas poesias, a exemplo de uma menina



que carregava um tesouro (pedra) em suas mãos com tamanho cuidado e delicadeza, que nos fez lembrar da poesia *O guardador de rebanhos*, de Fernando Pessoa (1988, p. 10), pois parecia que ela carregava o mundo todinho em suas mãos.

[...] ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa
Graves como convém a um deus e um poeta
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão



REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2008.

BARROS, Maria Izabel A. de (Org.). **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Infâncias berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BUITONI, Dulcília S. **De volta ao quintal mágico**: a educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Ágora, 2006.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Art-med, 2011.

CRUZ, Maria Cristina Meirelles Toledo. **Para uma educação da sensibilidade**: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. 2005. 197f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **A educação do ser poético**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 jul. 1974. Disponível em: <<http://www.jornalescolar.org.br/wp-content/uploads/2019/04/texto-poesia-a-educacao-do-ser-poetico-13062012.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2021.



FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

HOLM, Anna Marie. **Eco-arte com crianças**. São Paulo: Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2015.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MELO, Rozana M. B. **Uma educação infantil centrada no brincar**: a experiência da Te-Arte. 2011. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

OSTETTO, Luciana E. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 30, n. 80, p. 40-55, abr. 2010.

PEREIRA, Maria Amélia. **Casa Redonda**: uma experiência em educação com crianças. São Paulo: Livre, 2019.

PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 1988.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SILVA, Marta R. P. da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, n. 58, p. 83-100, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12370/8365>>. Acesso em: 10 maio 2020.



SILVA, Marta R. P. da. E os bebês? Quando os bebês interrogam a nossa docência. **Revista Teias**, v. 21. n. 61, p. 274-286, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revista-teias/article/view/43792/33599>>. Acesso em: 15 maio 2020.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 249f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, Léa. **As crianças da natureza**. Brasília: MEC, 2010.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA; Aínda Maria Monteiro; TIRIBA, Léa (Org.). **Direito ao ambiente como direito à vida**: desafios para a educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014.



SOBRE AS AUTORAS



Viviane Graciele de Araujo Valerio

Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul (SP) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da USCS (GEPIDE-PPGE-USCS).

ACESSE O CURRÍCULO DA AUTORA



Marta Regina Paulo da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e graduada em Pedagogia e Psicologia. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS), líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. Autora de livros e artigos científicos em educação.

ACESSE O CURRÍCULO DA AUTORA



PUBLICADO PELA AMÉLIE
NO OUTONO DE 2021